

## **O TRABALHO DOCENTE NUMA SALA DE AULA DA EDUCAÇÃO INFANTIL COM CRIANÇAS SURDAS**

**ISABEL GATTASS BATISTA MONTEIRO<sup>1</sup>**  
**ADRIANE WECKERLIN BELLO<sup>2</sup>**

### **RESUMO**

Esse presente artigo científico ancora-se nas referências de Quadros (2001) e Goldfeld (2002) como forma de pesquisa bibliográfica de acordo com a experiência vivenciada no Estágio Supervisionado da Educação Infantil com crianças surdas. O objetivo deste artigo é esclarecer sobre a Libras-Língua Brasileira de Sinais e seus parâmetros. Demonstrar as dificuldades dos professores em ensinar as crianças surdas por não dominarem a Libras na sua totalidade. E reforçar sobre a importância de um(a) professor(a) surdo(a) ensinar a Libras por ter a mesma como primeira Língua. E o trabalho de todos envolvidos na Educação das crianças surdas deve estar em evidência em todo o ambiente escolar e a preparação e capacitação desses profissionais são de suma importância.

**PALAVRAS-CHAVE:** Crianças - Surdas-Educação - Libras.

### **INTRODUÇÃO**

O presente trabalho aborda um assunto pertinente a Educação dos Surdos, principalmente das crianças surdas. A forma de aprender dessas crianças e a forma de ensiná-las devem ser levadas em evidência para que o desenvolvimento cognitivo, afetivo e linguístico não seja prejudicado. O objetivo deste trabalho é esclarecer sobre a Libras e sua importância para a Comunidade Surda, principalmente para as crianças surdas na sua fase escolar. Esse trabalho científico ancora-se nas referências de Quadros (2001) e Goldfeld (2002) como forma de pesquisa bibliográfica amparada na experiência vivenciada no Estágio Supervisionado da Educação Infantil com crianças surdas no CEAADA-Centro Estadual de Atendimento e Apoio ao Deficiente Auditivo Professora Arlete Pereira Migueletti. A metodologia utilizada foi a observação e a experiência vivenciada no Estágio Supervisionado na Educação Infantil no CEAADA-Centro

---

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Pedagogia.

<sup>2</sup> Professora Mestre Orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso.

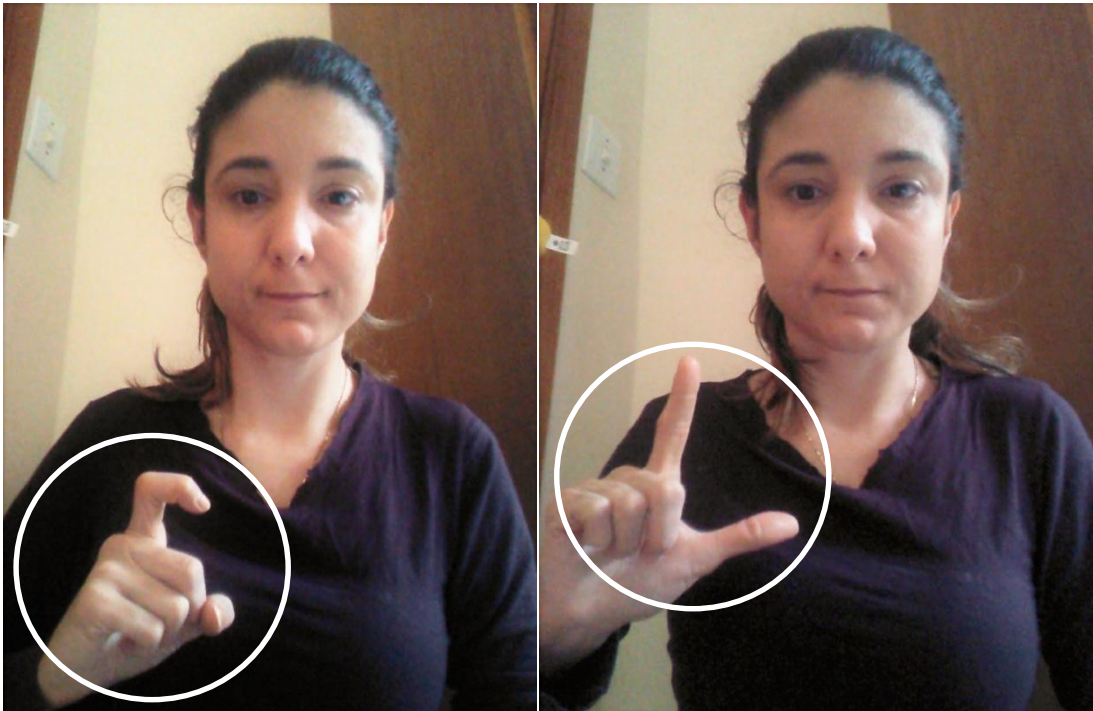
Estadual de Atendimento e Apoio ao Deficiente Auditivo Professora Arlete Pereira Migueletti e também embasado numa pesquisa bibliográfica com referenciais teóricos de Quadros (2001) e Goldfeld (2012). A Libras foi legalizada pela Lei Federal 10.436/02 e desde então muitas pesquisas surgem à luz do Bilinguismo. No espaço escolar com as crianças surdas a preocupação com a ludicidade e atividades visuais para despertar o entendimento e interesse pelas aulas devem ser relevantes. Devido a isso se justifica que o (a) pedagogo (a) deve ser profissionais comprometidas no ensino das crianças surdas.

## **O TRABALHO DOCENTE NA SALA DE AULA DE EDUCAÇÃO INFANTIL COM CRIANÇAS SURDAS**

Antes de se adentrar ao trabalho propriamente dito, será explicado o que é Libras. Pode-se dizer que desde 2002 a Libras foi reconhecida como Língua, por força de lei federal nº 10.436, como a língua materna da Comunidade Surda Brasileira. Pode ser usada para a comunicação e expressão, possui um sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituindo um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos.

Diferentemente da Língua Portuguesa que tem a modalidade oral-auditiva, na Libras a modalidade é gesto-visual. Conforme Quadros (2004, p. 53-61) a Libras é composta por cinco parâmetros que regem seu vocabulário, **as configurações de mãos, o ponto de articulação, o movimento, a orientação e as expressões faciais e/ou corporais**, veja a explicação, resumida, de cada um.

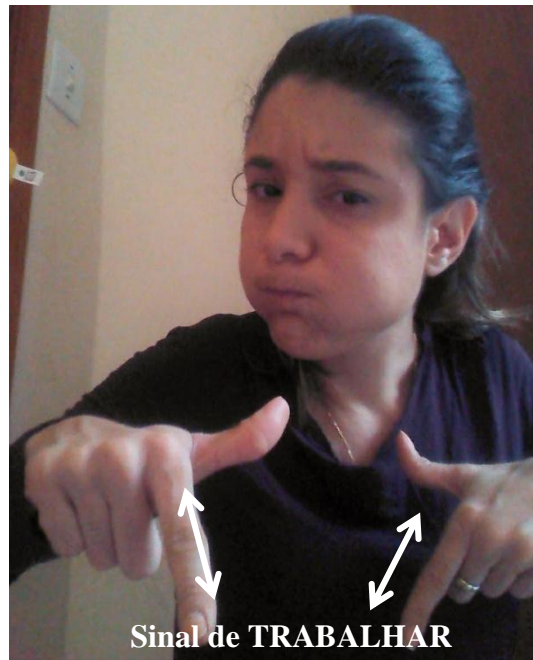
As **configurações de mãos** pode se dizer que é a forma da mão ou das mãos para se realizar um sinal ( que na Língua Portuguesa se equivale a um item lexical):



O **ponto de articulação** é o lugar onde será realizada essa essas configurações de mãos:



O **movimento** é exercido em cada sinal podendo ser circular, em ziguezague, retilíneo, etc.



A **orientação** também exercida no sinal pode indicar para onde deve ser direcionado o sinal para cima, para baixo, para frente, para trás, etc.



E por último e a mais importante são as **expressões faciais e/ou corporais** que tem funções gramaticais essenciais para o entendimento na comunicação em Libras.





Essa estruturação básica da Libras é fundamental para quem ensina a Libras, principalmente quando se trata de ensinar crianças surdas, pois deve-se compreender como uma Língua funciona para depois ensiná-la. O profissional ouvinte deve dominar essa Língua, pois para ele será sua segunda Língua, porém para a criança surda será a primeira. Por isso a preferência por esse profissional ser um surdo (a), pois a criança terá contato com um sinalizante de sua Língua materna a Libras, diretamente.

No Estágio Supervisionado da Educação Infantil com crianças surdas constatou-se que a professora regente não dominava essa língua materna das mesmas: a Libras. Baseado nisso justifica-se a importância do pedagogo (a) que trabalha com crianças surdas sejam profissionais surdos (de preferência) ou profissionais ouvintes, porém fluentes na Libras com documentação reconhecida por órgãos competentes.

Segundo Karnopp e Quadros (2001) explica:

As crianças surdas precisam ter acesso à educação na LIBRAS. Os direitos humanos prevêm isso e é dever do estado garantir que isso aconteça. O processo educacional ocorre mediante interação linguística e todos os professores devem dominar a LIBRAS para serem professores de surdos. Esse deve ser um ponto de partida de uma seleção de profissionais que queiram trabalhar com surdos. Dominar a LIBRAS deve ser pressuposto para se pensar em processo educacional, pois a base de tal processo se dá através da interação linguística. Todos os conhecimentos escolares devem passar pela LIBRAS. Pensar em formação de cidadãos conscientes é pensar em diálogo e em troca e isso

precisa ser na LIBRAS com os surdos brasileiros. (KARNOFF e QUADROS, 2001, p. 11).

O profissional que trabalha com crianças surdas precisar estar ciente de sua condição, pois a Libras é uma língua de modalidade visual totalmente diferente da modalidade oral-auditiva de um falante do Português.

O ensino-aprendizagem de crianças surdas não é uma tarefa fácil, porém os profissionais que se disponibilizam tempo para esse trabalho tem que estar ciente de uma grande responsabilidade educacional. Tem que buscar sempre conhecimento acerca da surdez, do sujeito surdo e principalmente conhecer profundamente a língua desses sujeitos.

Anteriormente a língua de sinais no Brasil passou por alguns processos educacionais. O *Oralismo* foi um deles e até a década de 1970, as crianças surdas tinham que oralizar a língua portuguesa por meio, de longo e intensivo atendimento fonoaudiológico que apensar de essencial para seu convívio com a comunidade ouvinte, não pode ser comprado à aquisição natural e espontânea de uma língua (GOLDFELD, 2002, p. 14).

O Oralismo se baseou em técnicas que foram desenvolvidos com o avanço da tecnologia justamente para um maior aproveitamento dos restos auditivos, também se preocupavam com a reabilitação da afasia<sup>3</sup> e dos trabalhos em clínicas diversas. Todos tinham a necessidade de oralizar o Surdo não permitindo a utilização da Língua de Sinais. O pressuposto básico era o de que deveria ser dada a cada criança uma oportunidade para se comunicar através da fala (MOURA, 2000, p.52). Acreditava-se que essa era a melhor forma para uma criança surda viver socialmente, vindo de um ambiente oralista para um mundo de som.

A partir da década de 70, alguns profissionais, repensaram sobre suas práticas chegando à conclusão de que o Oralismo não seria viável para as crianças surdas, adotaram assim, uma nova filosofia educacional conhecida como a *Comunicação Total*. Essa situação intermediária foi criada não como um método, mas sim como uma filosofia, tendo como premissa básica era a utilização de toda e qualquer forma de comunicação com a criança surda, sendo que nenhum método ou sistema particular deveria ser omitido ou enfatizado. Portanto poderia utilizar gestos naturais, o alfabeto manual, expressão

---

<sup>3</sup> Distúrbio ou perda parcial ou total da fala ou da compreensão da linguagem resultante de lesão no hemisfério cerebral esquerdo.

facial, “tudo acompanhado com fala ouvida através de um aparelho de amplificação sonora individual” (MOURA, 2000, p. 57).

Contudo essa “aliança” da língua oral a elementos da língua de sinais, nada mais era do que uma tentativa de aproximação da estrutura sintática da Língua Portuguesa da Língua de Sinais, não deu certo! (GOLDFELD, 2002, p. 14).

Até que a partir da década de 1980, após muitas pesquisas, a debates e discussões tanto políticas quanto linguísticas, surge o *Bilinguismo*, que é a necessidade da valorização da LIBRAS e sua cultura, ou seja, uma língua, com características próprias e independentes da língua portuguesa.

No entanto, a realidade do surdo brasileiro ainda é muito precária, muitos não têm acesso a tratamento fonoaudiólogo especializado e, a não ser em grandes centros urbanos, não existem comunidades de surdos organizadas, lugares onde a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) possa ser utilizada e divulgada. Em todo o Brasil, mesmo nas grandes capitais como no Rio de Janeiro, grande parte das crianças surdas cresce sem dominar a Libras, pois são raras as escolas e os centros de terapia que utilizam constantemente esta língua, já que o bilinguismo só começou a ser utilizado na prática, aqui no Brasil, na década de 90. O que é ainda mais grave é que mesmo os surdos que recebem tratamento especializado sofrem sérias dificuldades na escolarização, na socialização e na fase adulta, no mercado de trabalho. (GOLDFELD, 2002, p.15).

Pode-se considerar ainda que o conceito de bilinguismo é de que os surdos criam uma comunidade com uma cultura e uma língua própria. A compreensão de que o surdo precisa, a todo custo, experimentar a modalidade oral da língua para poder se aproximar o máximo possível do padrão de “normalidade” é rejeitada por esta filosofia. Porém não quer dizer que a aprendizagem da língua oral não seja importante para o surdo, ao contrário, “este aprendizado é bastante desejado, mas não é percebido como o único objetivo educacional do surdo nem como uma possibilidade de minimizar as diferenças causadas pela surdez” (GOLDFELD, 2002, p. 43).

A questão principal para o bilinguismo é a surdez no sentido de designar um grupo linguístico e cultural, ou seja, os estudos se preocupam em entender o surdo, suas especificidades, sua língua (a Libras), sua cultura e a forma singular de pensar, agir etc. e não apenas os aspectos biológicos ligados à surdez.

Atualmente, o bilinguismo está ocupando um grande espaço no cenário científico mundial. Nos Estados Unidos da América, Canadá, Suécia, Venezuela, Israel, Brasil entre outros países, existem diversas universidades pesquisando a surdez e a língua de sinais sob a óptica da filosofia bilíngue (GOLDFELD, 2002, p.43).

Os profissionais engajados em prol dos surdos têm que ser pessoas cientes e respeitadoras dos direitos do povo surdo. Empenharem em fazer o que é certo para um bem comum desse povo. Acreditar no potencial desse povo. O professor tem um papel Fundamental para a inserção dos surdos na sociedade, ser um transformador significativo na vida das crianças, dos jovens e dos adultos surdos.

O importante é compreender que a Língua de Sinais possui os mesmos preceitos para se estruturarem como uma língua natural humana. Essa língua possui morfologia, sintaxe e semântica como qualquer outra língua. Vários estudos científicos reforçam mais ainda que a única forma das pessoas surdas se tornarem serem pensantes e futuros cidadãos autônomos serão por meio de sua própria língua, aqui no Brasil, a Libras.

Considerando o aspecto psicossocial, a criança surda irá integrar-se satisfatoriamente à comunidade ouvinte somente se tiver uma identificação bastante sólida com o seu grupo; caso contrário, ela terá dificuldades tanto numa comunidade como na outra, apresentando limitações sociais e linguísticas algumas vezes irreversíveis (QUADROS, 2008, p. 28).

A conscientização, o conhecimento e a força de vontade pode mudar essa realidade de muitas crianças surdas que estão nessas situações. Há muitos está se fazendo, porém a muito a se fazer. Todos devem estar empenhados para mudar essa realidade desde a família, médicos, fonoaudiólogos, professores até gestores públicos realmente um trabalho persistente.

Deve-se atentar, também, para as culturas nas quais as crianças surdas estão inseridas, pois a Comunidade Surda apresenta uma cultura própria que deve ser levada em consideração. Por isso a proposta do Bilinguismo deve estar também preocupada não só em inserir os Surdos na sociedade, mas sim respeitar a sua cultura nessa sociedade ouvintista.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

]

O estágio supervisionado foi realizado no CEAADA-Centro Estadual de Atendimento e Apoio ao Deficiente Auditivo Professora Arlete Pereira Migueletti no período matutino na educação infantil com quatro crianças surdas. Foi respeitada a rotina da escola e das crianças. Exploração visual foi muito bem abordada devida a modalidade da LIBRAS por ser visual. Porém a carência ficou no uso da Libras quanto ao ensino dos conteúdos que poderiam ter sido mais explorados caso os profissionais dominassem a Libras.

Os recursos pedagógicos oportunizam as crianças surdas explorarem as suas percepções visuais. A ludicidade fez parte dos momentos de aprendizagens. Desenhos e pinturas também foram trabalhados em sala para reforçar ainda mais a aquisição da linguagem por essas crianças.

Conclui-se que a infância é o momento primordial para a criança surda aprender a Libras. Todo o ambiente deve estar propício para que se sinta receptiva nos espaços de ensino. E os profissionais que ensinam essas crianças devem estar muito bem preparados para que o ensino ocorra normalmente. Buscar conhecimentos, aprender melhor a Libras e sua gramática, conhecer a cultura de seus alunos e respeitá-los principalmente em sentido linguístico são fundamentais para que a realidade das crianças surdas melhore cada vez mais.

Deve-se investir nos pedagogos que trabalham com essas crianças com formações continuadas, palestras sobre o Bilinguismo e apoio de centros especializados em surdez. Uma atenção especial ao aprendizado dessas crianças com intenções de melhorias, para que todos participem das aulas e tenham interesses em aprender e que esses profissionais se tornem bilíngues (Língua Portuguesa e Libras) e respeitem a diferença linguística dessas crianças.

E a família também tem um papel fundamental na vida dessas crianças, pois a maioria das crianças surdas nasce em lares de ouvintes. A precocidade delas deve ser despertada na precocidade assim como de uma criança ouvinte, assim elas se desenvolverão naturalmente sem distinção de idade ou condição física. Todos devem se envolver nesse trabalho para um bem comum: a educação das crianças surdas com eficiência para gerar bons resultados.

## REFERÊNCIAS

GOLDFELD, Marcia de A. **Criança Surda**: Linguagem e Cognição numa Perspectiva Sociointeracionista: 2 ed. São Paulo: Plexus Editora, 2002.

KARNOPP, Lodenir; QUADROS, Ronice Müller. **Educação Infantil para Surdos**. In: ROMAN, Eurilda Dias; STEYER, Vivian Edite. (Org.). A criança de 0 a 6 anos e a educação infantil: um retrato multifacetado. Canoas, 2001, p. 214-230.

BRASIL, **Lei nº 10. 436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Brasília: Senado Federal, 2002. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/2002/L10436](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10436)>. Acesso em: 11 de setembro de 2016.

MOURA, Maria Cecilia. **O Surdo**: Caminhos para uma Nova Identidade. Rio de Janeiro, RJ: Editora REVINTER Ltda., 2000.

QUADROS, Ronice Müller. **Educação de surdos**: A Aquisição da Linguagem. Porto Alegre: Artmed, 1997.

QUADROS, Ronice Muller; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de Sinais Brasileira**: Estudos Linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.